



RESISTÊNCIA MUNDURUKU NA REGIÃO DO TAPAJÓS, NO SÉCULO XXI.

WANDERLEIA LUCENA SOUSA¹

MIKE KIRIXI MUNDURUKU²

Wanderleia Lucena Sousa, historiadora (FAI)¹

Miki Kirixi Munduruku, acadêmico de agronomia (UFOPA)²

wanderleyalucena@gmail.com; mikikirixi@gmail.com

RESUMO: Este trabalho aborda sobre a cultura munduruku e a luta desse povo pela preservação das suas raízes e de seu território tradicional, além de uma breve análise sobre as problemáticas ligadas a questões ambientais que vem se sobressaindo nos últimos anos. Significando-se mais do que um simples exercício de pesquisa científica, mas um verdadeiro trabalho de valorização da cidadania e da diversidade cultural de uma etnia. O estudo desenvolve-se através da linha de pesquisa da História oral das comunidades, e da abordagem metodológica de pesquisas bibliográficas e de campo. Como resultado do estudo evidencia-se impactos socioculturais e ambientais causados pela ocupação e implementação de grandes empreendimentos como a garimpagem na região do Tapajós e busca algumas soluções para amenizar essas problemáticas.

Palavras-chave: Munduruku. Tapajós. Luta. Preservação.

MUNDURUKU RESISTANCE IN THE REGION OF TAPAJOS, SECULO XXI.

ABSTRACT: This work deals with the culture and the struggle of these people for the preservation of their roots and their traditional territory, as well as a brief analysis of the issues related to environmental issues that have been outstanding in recent years. Meaning more than a simple exercise of scientific research, but a real work of valuing the citizenship and cultural diversity of an ethnicity. The study is developed through the research line of oral history of communities, and the methodological approach of bibliographical and field research. As a result of the study, the socio-cultural and environmental impacts caused by the occupation and implementation of large enterprises such as the garment industry in the Tapajós region are highlighted, and some solutions are sought to soften these problems.

Keywords: Munduruku. Tapajós. Fight. Preservation.



1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo explicar sobre a cultura dos Munduruku, a luta para a preservação e valorização de seu território e os impactos socioculturais e ambientais decorrentes de grandes projetos e da extração mineral na bacia do Tapajós. Do mesmo modo, indagar brevemente conhecimentos teóricos sobre o contexto históricos dessa etnia, através de seus costumes tradicionais repassados durante gerações; como também, refletir sobre a visão do indígena em relação à sua sobrevivência e resistência.

A Mundurukania, como assim ficou conhecida região do Tapajós a partir do século XIX, era dominada culturalmente pelos Munduruku, conhecidos na historiografia pelas grandes lutas travadas contra tribos rivais. No entanto, essa região passou por grandes transformações econômicas, sociais e culturais, devido aos ciclos migratórios e econômicos decorrentes da chegada dos primeiros colonizadores que modificaram drasticamente a vida dos nativos.

Caminhando nesta perspectiva, surgem algumas indagações: Quais os principais fatores que levaram a aculturação dos Munduruku? De que forma a cultura e tradições ainda são repassadas as novas gerações? Quais as consequências culturais, ambientais e sócias causados pela garimpagem aos Munduruku na região do Tapajós? E quais perspectivas desse povo relacionadas à implantação de grandes empreendimentos previstos para a bacia do Tapajós? .

O presente estudo será desenvolvido através da pesquisa mista: qualitativa e quantitativa envolvendo uma parte bibliográfica e outra de campo, com base em revisão literária sobre a História Social das Comunidades e depoimentos dos indígenas a respeito da Cultura Munduruku, impactos sofrido por esse povo devido aos empreendimentos na região, além de suas perspectivas em relação a sobrevivência e resistência.

2. POVO MUNDURUKU

2.1 Origem e Historia

Os Munduruku, apontados na historiografia como uma das tribos mais bélicas da Amazônia, citado por Spix e Martius (1820) apud Almeida (2012), como “os espartanos entre os índios bravios do norte do Brasil”, distinguidos pelas tribos rivais como Paiquicé “cortadores de cabeça”, Weidyenye, Pari e Caras-Pretas, autodenominados como Wuyjuyu ou Wuyjugu, dominaram culturalmente a região do Vale do Tapajós conhecida a partir do século XIX como Mundurukania. Segundo Souza e Martins (2004), acredita-se que a sua origem esteja nos Andes, de onde teriam sido deslocados para as “Terras Baixas”, progressivamente se tupinizando pelos contatos com grupos de língua Tupi.



Há registros históricos desse povo a partir da segunda metade do século XVIII na região do rio Madeira no atual estado do Amazonas. Embora seu território tradicional fosse a então Mundurukania os guerreiros faziam grandes expedições de guerra que ultrapassavam a leste o rio Xingu e chegando até as proximidades da capital paraense, Belém do Pará.

Os Munduruku eram reconhecidos pelo hábito de caçar e mumificar cabeças humanas, obtidas em longas campanhas de guerra contra tribos rivais. Menéndez (1992) apud Souza e Martins (2004) relatam que essas guerras constituíam um padrão cultural que já existente bem antes dos contatos com os europeus, e delas tomavam parte tanto homens quanto mulheres, sendo essas lutas acirradas pelos movimentos forçados de grupos indígenas após o contato. Robert; Murphy (1954) apud Almeida (2012) ainda relatam que os guerreiros atacavam através de um cerco à aldeia inimiga durante a madrugada. Após capturado e morto, a cabeça do inimigo era decepada com o auxílio de uma lâmina de bambu. Em seguida, realizava-se o esvaziamento do conteúdo craniano para se proceder à mumificação a partir da defumação com óleo de copaíba, e em seguida, pela lavagem em azeite de urucu colocada ao sol. Os Munduruku acreditavam que as cabeças do inimigo adquiriam poderem mágicos e se tornavam elementos fundamentais para a sobrevivência da própria tribo. A cabeça simbolizava o feito máximo a qualquer homem, um grande orgulho ao seu dono, ela era colocada em uma estaca e se tornava um elemento central de várias festividades e celebrações à cabeça- troféu.

No início do século XVII, o território da “Mundurucânia” já era objeto de exploração de colonos luso-brasileiros e algumas aldeias missionárias já haviam sido estabelecidas pelos padres jesuítas responsáveis pelas ideias de “civilização” através da religião e do trabalho. Muitos Munduruku, no entanto, viviam no interior da floresta, praticando suas guerras tribais, e justamente estes, o governo tinha o interesse de chamar a “civilização” e assenta-los em aldeamentos. De acordo com Almeida (2012), cerca de 500 soldados chegaram a Santarém no ano de 1794, e foram direcionados as Aldeias do Alto Tapajós, mas as expedição de combate foi suspensa devido ao estabelecimento de um acordo de paz entre os índios Munduruku que habitavam a região do rio Madeira e os colonos da capitania do Rio Negro. Desta forma, os Munduruku do Tapajós, influenciados por esse acontecimento resolveram também estabelecer relações pacíficas selando por fim, um pacto de paz com os colonos. Essa aliança possibilitou que os Munduruku conseguissem manter certa integridade, autonomia tribal e o poder político dos seus chefes alcançado pelo relevante papel que exerciam na guerra.



Segundo Santin (2011), “a presença missionária franciscana entre os Munduruku teve início em 1908, quando os freis Hugo Mense, Luís Wand e Crisóstomo Adams iniciaram as viagens de exploração ao Alto Tapajós.” Em 1910 os padres alcançaram o rio Cururú. Nas missões fundadas pelos franciscanos, haviam escolas onde ensino era voltado para o aprendizado do português e da matemática. As irmãs religiosas iniciavam as meninas nos serviços domésticos, como cozinhar e costurar, e os padres ensinavam aos meninos técnicas voltadas para a agricultura. Nas instruções religiosas, todos aprendiam as principais orações, como o Pai Nosso e a Ave Maria, além das “verdades religiosas” sobre Deus e Jesus Cristo, em português e Munduruku.

Entretanto os dogmas cristãos não foram os únicos elementos que entraram em contato com as populações indígenas dessa área. A primeira metade do século XX na região do Alto Tapajós foi marcada pela consolidação das relações sociais decorrentes do processo da extração da borracha dos regatões e comunidades caboclas que vinham surgindo. Moraes (2013) relata que os indígenas, eram levados por esses comerciantes a abandonar suas aldeias e ir para as matas em busca de produtos naturais que eram trocados com produtos e objetos de baixo valor, estes eram fornecidos em grandes quantidades com a finalidade de endividá-los e assim cobrar esta dívida através da borracha por exemplo. Além dos enganos os índios ainda sofriam com abusos contra suas famílias, muitas mulheres eram aliciadas, as filhas violentadas e seus filhos menores retirados das aldeias. Suliman (2012) apud Moraes (2013) afirma que “Os índios da província do Pará buscavam na catequese amparo, pois através dela recebiam alimentação, roupas e brindes, este último item, sendo usado como meio de negociação entre missionários e indígenas”.

2.2 A Cultura Munduruku

Os Munduruku ou Wuyjugu como autodenominam, pertence à família linguística Munduruku, do tronco tupi, ocupando tradicionalmente a região dominada como Mundurukânia, termo este, não aceito pelos indígenas até os dias atuais devido a sua pronuncia e escritas presentes na historiografia serem de acordo com a língua do pariwat, ou seja, do homem branco. O correto seria Mundurukugueipi que significa “Terra dos Munduruku”, no entanto, é comum distorção ou adaptação de algumas palavras de origem indígena pelo homem branco, como ocorre com o nome da cidade de Itaituba, há séculos habitados por indígenas desta etnia. De acordo com relatos orais feitos pelos indígenas o nome da cidade passou por um processo de transformação devido o “branco” não saber pronunciar a palavra, Dayduba, que significa braço de tatu. Essa denominação ocorreu devido à região servir de referência para caça, pesca e troca de mantimentos entre indígenas; além de ser um ponto de encontro entre os nativos depois de longas viagens.



Nesse contexto podemos observar que esse elemento da história não é relatada quando se trata da historiografia da região, ocultando a participação dos Munduruku na construção histórica do município, que de acordo com a sua historiografia local o nome Itaituba é de origem Tupi, que significa "lugar dos pedregulhos ou pedras miúdas".

Essa população indígena oriunda em sua grande maioria especialmente dos campos do Alto Tapajós, organiza-se em 38 clãs que são divididos em metades exogâmicas, a porção vermelha e a branca, regulando assim os casamentos, pois cada indivíduo de uma metade deveria se casar com outro da metade oposta. Desta forma podem controlar sua organização social. Woortmann (1976) apud Sousa (2008), afirma que os clãs não podem ser considerados como categorias de parentesco, mas sim categorias cosmológicas partes integrantes de um sistema mítico relacionado à criação do mundo e a seu modelo.

A riqueza da cultura Munduruku é extraordinária, incluindo um repertório de canções tradicionais de musicalidade. Nas aldeias tradicionais as figuras do pajé e do cacique ainda representam um papel fundamental para essa sociedade indígena, fazendo valer os saberes e rituais deixados e repassados oralmente a milênios por seus ancestrais conseguindo manter vivos os valores culturais e os conhecimentos milenares, preservando a memória por meio dessa tradição .

Para os indígenas a dança e a música tem papéis fundamentais na sua vida social, pois através dela manifestam sentimentos, uma forma de celebrar a vida e em agradecimento . Para os Munduruku as danças estão relacionadas intimamente com os valores coletivo, representa suas crenças, maneiras de se relacionarem com a vida e forma de sociedade. Há cantos para cada momento existe para trair e garantir animais, cantos de guerra há os cantos fúnebres, cantos para celebrar a vida etc. Algum desses somente pessoas determinadas pode cantá-los como os mais velhos, outros só podem ser cantados em momentos especiais como em rituais específicos. A pintura indígena é de grande importância uma vez que ela representa sua força assim como afirma sua cultura e tradição. Os viajantes ficaram impressionados com a aparência da guerreira dos indígenas. Tocantins (1877) apud Almeida (2010) afirma que “a pintura corporal conferia-lhes efeito de verdadeiros guerreiros vestidos em rigorosos uniformes”. Tradicionalmente, essas pinturas eram tatuadas no corpo dos indígenas. Munido de um dente afiado de cutia, os traços eram desenhados no corpo, sob os pontos vermelhos de sangue aplicava-se o suco do jenipapo de cor azul bem escura que penetrava na pele. Hoje em dia essa prática milenar caiu em desuso pelos indígenas.

Os Munduruku ficaram famosos na Europa devido à qualidade e beleza de sua arte plumária. De acordo com Spix e Martius (1823) apud Schlothauer (2002). Os



Munduruku, juntamente com os Maués são os maiores artistas de arte plumária. Seus cetros, cocares, capas, eram os mais delicados trabalhos desse tipo. Nas aldeias mais tradicionais as crianças aprenderem desde cedo a trabalhar com artesanato, produzindo seus próprios objetos de decoração, com auxílio das mães ou pelos os mais velhos que repassam as técnicas. Seus principais meios de produção alimentícia são a pesca, caça e a roça. Tradicionalmente em algumas aldeias ainda é utilizado o timbó uma espécie de veneno retirado de algumas plantas que ao ser colocado em um lago é capaz de paralisar e sufocar os peixes facilitando sua captura.

Na tradição Munduruku o pajé é responsável por tratar as doenças do espírito, nas aldeias mais tradicionais ele ainda tem um papel fundamental. Segundo os indígenas o pajé cuida dos doentes e é capaz de curar, benzer e usar remédios da mata, as mulheres indígenas principalmente as mais idosas também possuem um grande conhecimento sobre remédios tradicionais capaz de curar desde uma dor de barriga a doenças mais serias. As parteiras são responsáveis por preparar a futura mãe para dar a luz, cuidar do parto e do pós parto. Embora, na maioria das aldeias disponibilizam de postos médicos com equipes a disposição da comunidade o saber tradicional ainda se faz muito presente.

3. Embate entre aculturação, defesa de tradições, território e meio ambiente.

A distribuição populacional característica da região, assim como a composição das populações Amazônicas, têm sido grandemente afetadas pela política de desenvolvimento adotada pelo Estado, na região amazônica Santos (1992). Esse processo contribuiu para a vinda de imigrantes de outras regiões, estimulando o crescimento, desenvolvimento e ocupação dos espaços amazônicos. Culminando para o desequilíbrio ambiental em decorrência da intensa exploração dos recursos naturais e, conseqüentemente, conflitos com as populações indígenas, em especial os Munduruku.

No decorrer de sua história dos contatos com a sociedade não indígena, os Munduruku sofreram significativos impactos socioculturais, os quais só não tiveram conseqüências mais trágicas devido a luta das lideranças pela preservação de sua cultura tradicional e do seu território. Embora tenha sofrido inúmeros abalos com o crescimento desenfreado da população no Oeste paraense, que através das suas edificações delimitaram o espaço físico das aldeias acuando-as, o contato frequente dos indígenas com a cultura do “pariwat” e a presença desses (pariwat) dentro das aldeias aliada ao preconceito e a discriminação desacerbadas conseqüência da falta de informação da sociedade, seus líderes veem travando uma luta que dura há séculos. Segundo Sousa (2008) “Isso leva as lideranças indígenas a montarem estratégias de contraposição ao processo oriundo dessa problemática de contato, que propicia assimilação de ideias e comportamentos da sociedade não índia”, que se manifesta, principalmente, nos membros da classe de idade jovem residente nessas aldeias.



Um das estratégias adotadas pelas lideranças destaca-se o ensino e aprendizagem da língua materna, haja vista que, de acordo com as tradições culturais, Munduruku é somente aquele que fala fluentemente a língua materna. Desta forma surge a escolas bilíngues afim de promover aulas da língua Munduruku de forma falada e escrita, com objetivo de promover a integração dos índios inserindo-os nos conhecimentos nativos, através de seu idioma indígena. A situação sociolinguística dos Munduruku é bem diversificada, embora o número de bilíngues em Mundurukú e português estejam crescendo gradativamente, há uma parcela considerável de monolíngues, garantindo assim sua transmissão e sobrevivência especialmente nas mais isoladas nas comunidades dos núcleos urbanos.

Uns dos mais populosos grupos étnicos do Brasil existem mais de 13 mil Munduruku espalhados por 850 quilômetros do rio tapajós e afluentes. Hoje a luta desse povo é pela permanência e preservação de seus padrões culturais além da preservação de seu território natural.

Desde os primeiros contatos com a sociedade não indígena há séculos, os Munduruku vem sofrendo transformações drásticas em seu modo de vida, as relações entre essas duas sociedades são politicamente tensas e conflituosas. Visto que os seu território, pela riqueza e dimensão, são alvos de exploração de madeira, focos de construções de hidroelétricas e atividade de garimpagem ilegal, sendo está, permanente os dias atuais.

A atividade garimpeira é uma pratica comum que ocorre sobre as dimensões da TI Munduruku, do médio tapajós. Tal atividade, segundo Santos *et al.*, (1992) começou a proliferar, na Amazônia, de forma significativa, na década de 70, com o plano de integração nacional e a construção das rodovias transamazônica e Cuiabá. Embora existam registros que remontam a garimpagem ao século XVIII,

Durante a metade do século 70 as praticas garimpeiras eram voltadas ao uso de equipamento rudimentares. A medida que os equipamentos foram sendo substituído por maquinários, a intensa exploração por ouro impulsionou o desmatamento e a contaminação dos rios e igarapés. Uma vez que o mercúrio passou a ser lançado diretamente nos barrancos e na caixa concentradora (Governo do Estado do Pará, 1992 *Apud Santos et al.*, 1992 p. 3)

As ações provocadas pela mineração e garimpagem põem em risco a qualidade de vida dos Munduruku, que dependem da natureza e dos recursos hídricos para sua sobrevivência. Segundo, Rodrigues (1994) o desmonte dos barrancos, lança milhares de toneladas de sedimentos nos cursos d'água, alterando sua cor e turbidez, tais alterações interferem nas condições de sobrevivência e de reprodução de inúmeros representantes da biota aquática.



Essas atividades humanas apresentam ameaça ao meio ambiente e a cultural indígena, uma vez que, aliadas ao processo de transformação cultural e perda dos valores tradicionais, colocam em risco os espaços territoriais especialmente protegidos Abi-Eçab(2011). Os saberes acumulados pelas sociedades tradicionais, através de séculos de íntima relação com a natureza, é de extrema importância para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais.

A agressiva extração de recursos naturais em terras há muito reivindicadas pelos Munduruku, mudou o cenário local, pois passou a ganhar espaço para violência e ameaças aos líderes da Etnia, que se opõem e denunciam as práticas ilegais em suas terras aos órgãos competentes. Na qual o cacique Munduruku Juarez Saw, da aldeia Sawré Muybu, afirmou à Mongabay que sua comunidade de 127 pessoas se sente seriamente ameaçada pelos garimpeiros da região.

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), registrou 137 assassinatos em 2015. na região de Itaituba – uma cidade no rio Tapajós que existe em grande parte para sustentar a indústria mineradora. Essa tensão aparece regularmente nas relações entre indígenas e garimpeiros locais, o que indica maiores perigos para os indígenas.

O Artigo 9º do Decreto nº 1.141/1994 que dispõe sobre ações de proteção ambiental, saúde e apoio às atividades produtivas para as comunidades indígenas, deixa claro que: “As ações voltadas a proteção ambiental das terras indígenas e seu entorno destinam-se a garantir a manutenção do equilíbrio necessário à sobrevivência física e cultural das comunidades indígenas” (Garcia e Bastos, 2002).

Assim, as terras indígenas possuem uma função ambiental a cumprir, consistente na missão de assegurar vida digna aos índios segundo seus costumes e tradições e na preservação dos recursos naturais (biodiversidade) Abi-Eçab (2011).



4. Resultado e Discursões

Através de uma breve entrevista com alguns indígenas da etnia Munduruku, foi possível notar a preocupação principalmente dos mais velhos em relação a preservação tanto cultural como territorial. Os grandes empreendimentos previstos para a bacia do Tapajós, somado com a exploração mineral cada vez mais latente no território Munduruku, se tornaram a principal pauta debatida entre as lideranças em assembleias desenvolvidas nas aldeias.

Sobre a preservação da cultura, foi questionada qual é a maior dificuldade encontrada pelos Munduruku. Francisco Ikon (entrevistado), reatou “a aproximação com a sociedade não indígena e a não valorização da cultura pelos jovens.” Dinacildo Kirixi, também destaca que a geração atual como crianças e jovens não estão interessados em manter as tradições. Karo Mukac e o cacique Tiago destacam a aproximação com o meio urbano e conseqüentemente a aproximação com os pariwat (homem branco). Como vimos a aproximação com a sociedade não indígena e o desinteresse partido de alguns jovens é a principal preocupação das lideranças na questão preservação cultural. De acordo com Santos (2008) isso pode resultar na desestruturação da sociedade indígena; mas, também, em resistência, com a continuidade dos padrões nativos; ou, ainda, em outros padrões de acomodação, ajustamento a essa situação urbana.

Questionados sobre as ameaças ao território Munduruku como os grandes empreendimentos Joana Waro Munduruku, ressalta que a garimpagem prejudica a saúde de seu povo, dos animais e da floresta. Trás doenças e ameaça o modo de vida. Imane Poxu, relata que antes da garimpagem os rios eram fartos de peixes, hoje em dia estão escassos sem vida, em alguns é preciso muitos dias de pescaria para se conseguir algo para comer, as vezes não conseguem banhar ou beber a água do rio devido a poluição.

Roberto C. Villas-Bôas (2001) o pescado, a principal fonte de proteínas das comunidades ribeirinhas, se transformou no veículo potencial para o aumento do risco da exposição ao metilmercúrio nestas populações humanas.

A partir do diário de campo e da coleta de dados com questionários quantitativos e qualitativos, além da disponibilidade dos entrevistados, foi possível compreender as problemáticas, a dimensão de saberes tradicionais contidos nessa a cultura e o anseio desse povo pela proteção de seu território tradicional.



Considerações Finais

O estudo teve como objetivo mostrar para a sociedade de forma geral a importância da valorização da cultura Munduruku e a luta desse povo pela preservação de suas raízes e de seu território tradicional. A pesquisa também visou esclarecer as problemáticas pelas quais essa etnia têm enfrentado nas últimas décadas.

Embora os contatos entre munduruku e os não indígenas sejam inevitáveis e algumas mudanças de fato tenham ocorrido na estrutura cultural Munduruku, aliadas as dificuldades e o esquecimento pelas autoridades, ainda há preservação de alguns elementos tradicionais desse povo, mantidos a partir da residência de algumas lideranças.

Temíveis cortadores de cabeças no passado, hoje seus adversários são outros. Os empreendimentos presentes no território como barragens e a mineração ilegal na terra indígena contribuem para o cenário de intensos conflitos entre indígenas e não-indígenas, influenciados pela exploração irracional dos recursos naturais, que promovem grandes impactos ambientais decorrentes por exemplo do uso do mercúrio um metal pesado utilizado no processo de apuração do ouro modificando cenários ecológicos que levaram milhares de anos para serem construídos.

Com tudo é imprescindível o fortalecimento do diálogo intercultural, a proteção do território considerado sagrado por esse povo em questão, além da preservação do patrimônio cultural indígena e do meio ambiente, um bem comum, hoje ameaçado. Os guerreiros tem mobilizado-se constantemente, mais juntos do que nunca, nessa nova batalha no século XXI. Munidos dos seus arcos e flechas e de suas pinturas tradicionais tem levado através de sua resistência e manifestações o nome da etnia para todo mundo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABI-EÇAB, Pedro Colaneri. **Principais ameaças ao meio ambiente em terras indígenas. Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas.2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/planeta/article/viewFile/551/EcabN3.pdf> Acesso em 06/07/2018.**

ALMEIDA, Djalмира de Sá. **Historia do município de Itaituba: Importância econômica e geopolítica na Amazônia Legal, na mesorregião do Tapajós e no Estado do Para** 1ed. Curitiba, PR: CVR, 2012. de Johann Natterer ,2002.

GARCIA S. P, BASTOS C. Maria Chaves Brito : **Direitos Indígenas, Meio Ambiente E Projetos Econômicos Na História Recente Dos Povos Indígenas Do Oiapoque/Ap,2002.**

MORAIS, Laura Trindade. **Entre A Fé E O Comércio: A Disputa Pelos Munduruku Na Missão Do Bacabal (1871-1881).** XXVII Simpósio Nacional de Historia- Natal RN. 2013.

RODRIGUES Rita Maria s[et] a1.1 **Estudo dos impactos ambientais decorrentes do extrativismo mineral e poluição mercurial no Tapajós - pré-diagnóstico** Rio de Janeiro: CETEM/CNPq, 1994.

SANTIN, Dom Frei Wilmar: **UMA AVENTURA PELO REINO-** 2011. Disponível em: <http://wspaginas.blogspot.com/2010/03/historia-carmelita.html> Acesso em 06/02/2017.

SCHLOTHAUER, **Andreas Arte plumária Munduruku e Apiaká na coleção**

SOUSA, Walter Lopes de. **De Retirantes A Aldeias Urbanas Parentesco, Poder E Educação Entre Os Mundurukú Das Praias Do Índio E Do Mangue Em Itaituba – Pará.** PPGS 2008.

SULIMAN Sara Da Silva. **Os Índios Munduruku E O “Zeloso Capuchinho” No Rio Tapajós.**(2012).

VILLAS BÔAS, Roberto C., BEINHOFF Christian, SILVA Alberto Rogério da: **Mercury In The Tapajos Basin /** Rio de Janeiro: CNPq/CYTED, 2001.

FONTES ORAIS:

Dinacildo Kirixi Munduruku - Estudante.

Francisco Ikon Munduruku- Professor e Coordenador da Escola Ikon Bijatipu.

Karo Mucak Munduruku- Estudante.

Tiago Ikon Munduruku- Cacique da Aldeia Praia do Mangue.

Imane Poxo Munduruku- Aldeia Restinga.

Joana Waro Munduruku- Aldeia Posto Munduruku.